

III. A Dimensão Metadisciplinar dos Estudos Culturais e o Espectro Filosófico

Rui Grácio

Resumo

Interrogando o estatuto dos Estudos Culturais e analisando a recorrente afirmação de que são estudos interdisciplinares, propomos classificar os Estudos Culturais como estando inseridos na tradição das Humanidades e como sendo metadisciplinares. Esta tese é sustentada através da afirmação de que existe uma estreita afinidade entre a na sua versão retórico-argumentativa e os Estudos Culturais. E, embora esta tese não seja enunciada por Stuart Hall, uma das figuras maiores dos Estudos Culturais, ela está presente nas suas ideias e no modo dialógico, aberto e não disciplinar com que concebe a prática dos Estudos Culturais.

Palavras-chave: estudos culturais; humanidades; filosofia; metadisciplinar; retórica-argumentativa.

Abstract

Questioning the status of Cultural Studies and analyzing the repeated assertion that they are interdisciplinary studies, we propose to classify Cultural Studies as being within the tradition of Humanities and as being metadisciplinary. This thesis is supported by the assertion that there is a close affinity between philosophy in its rhetorical-argumentative version and Cultural Studies. And although this thesis is not stated by Stuart Hall, one of the major figures of Cultural Studies, it is present in his ideas and in the dialogical, open, and non-disciplinary way in which he conceives the practice of Cultural Studies.

Keywords: Cultural Studies; Humanities; philosophy; metadisciplinary; rhetorical-argumentative.

Introdução

No livro *Um ensaio sobre os Estudos Culturais*, que publiquei em 2023, ensaiei articular algumas questões de largo espectro, começando pelo lugar das Humanidades — um lugar de crise e, como tal, de transformação —, continuando pelos aspetos sempre polémicos da transição da modernidade para a modernidade tardia e procurando, depois, situar a emergência dos Estudos Culturais quer no contexto das Humanidades, quer no quadro da imagem de pensamento metafísico cujas categorias e ambições vão, aparente e progressivamente, perdendo a sua força a partir do século XX e sendo substituídas por outras formas de pensar e de olhar para o próprio alcance da teoria.

Não satisfeito com a abrangência de tal tarefa, e crente que à filosofia metafísica sucede um paradigma retórico-argumentativo de racionalidade — aliás sempre marginalizado pelos monismos e absolutismos filosóficos, que veem a retórica como “mera” retórica e a argumentação como um

parente pobre do raciocínio demonstrativo —, ensaiei também mostrar que há uma cumplicidade entre filosofia e Estudos Culturais, cumplicidade sem a qual dificilmente podemos compreender as características destes últimos. Esta é, em certa medida, a tese que aqui irei desenvolver.

Na caracterização que faço do filosofar contemporâneo através do recurso ao paradigma retórico-argumentativo, assinalo não só a importância da passagem de uma visão mais restritiva e fechada da epistemologia rumo ao seu alargamento para um quadro de considerações epistémicas, como tento propor a substituição da tradicional dicotomia entre sujeito e objeto pela ideia de um pensamento metadisciplinar que parte da consideração e da tematização de assuntos em questão para a construção do conhecimento. Neste sentido, afasto-me de vias que dão o primado a procedimentos metodológicos e aproximo-me das que não separam a questão do conhecimento da questão do pensamento e da responsabilidade social e ética.

Interrogações sobre as Humanidades e os Estudos Culturais

Enfim, como se pode ver por esta síntese algo densa, trata-se de um ensaio que convocou não só todo um percurso de aprendizagens, como persistiu nessa tarefa de articular as leituras e as referências pelas quais fui passando com alguma dose de contingência, de modo a criar um quadro que fizesse sentido e apresentasse potencialidades heurísticas para lidar com perguntas como:

Perceberemos nós a importância das Humanidades? E compreendemos os desafios que a migração para a vida digital lhes coloca? Que, como salienta D. Barry (2014, p. 12) estamos numa “transição de uma epistemologia jurídica racional para uma epistemologia autoritária-computacional”?

Poderemos nós compreender os Estudos Culturais como um quadro em que a articulação entre teoria e prática recebem um novo enquadramento e, com ele, a teoria é percebida de outro modo?

Poderemos perceber que a maldição que vem pesando sobre a filosofia numa era de domínio do pensamento científico e tecnológico é um equívoco e um perigo que vai abrindo para uma época de não-pensamento e de impensar, uma vez que cada vez mais delegamos nas máquinas a capacidade de pensar e de decidir?

Não estamos nós sob a necessidade — que pulsa na própria transformação disciplinar que se vai dando no sentido do multidisciplinar, do interdisciplinar, do transdisciplinar e do metadisciplinar — de regressar a um filosofar que, valorizando a problematicidade da colocação “em questão”, convoca a ponderação e procura a aliança entre conhecimento e pensamento?

Será que não urge um pensamento menos refém da produção de conhecimento, não aprisionado pela estrutura disciplinar da academia e mais atento às incontornáveis relações entre produção de sentido, persuasão e organização do poder?

Não nos mostram os tempos que a sobrançeria pragmática que guiou a epistemologia de matriz europeia — a qual objetivou o mundo como reserva a explorar e vocacionou o homem como conquistador e dominador — não foi capaz de ver o mundo como casa nem, mesmo antecipando o desastre ecológico, deixa de se alimentar dum predatório ideal competitivo característico do capitalismo neoliberal?

E não persistem os ideais metafísicos na chamada “migração” para o digital, na plataformização da sociedade e nas esperanças depositadas na “revolução do algoritmo mestre” (Domingos, 2017), uma espécie de construção algorítmica desse Deus por alguns proclamado como morto?

A cumplicidade entre filosofar e os Estudos Culturais

Por tudo que já referi, e pelas perguntas acabadas de formular, já deve estar claro, por esta altura, que valorizo muito a filosofia enquanto pensamento crítico e criativo; penso, aliás, que os Estudos Culturais precisam de perceber o quanto integram da atitude crítica da filosofia para equacionarem a questão da sua própria identidade, a sua reivindicação de prática transdisciplinar e mesmo, como eu prefiro, da sua dimensão metadisciplinar.

A este respeito, a minha tese é a de que os Estudos Culturais são um rosto cúmplice da filosofia depois da falência da Filosofia com maiúscula, ou seja, depois da filosofia como metafísica e da respetiva imagem metafísica de pensamento que alimentou, com o seu primado da Unidade, com a sua paixão pelas ultimidades, pelo absoluto e pelas essências e com as suas ambições totalizadoras.

Ora esta é uma imagem de pensamento à qual os Estudos Culturais reagem, acentuando a historicidade, a contextualidade, a pluralidade e a situacionalidade de uma teoria que não pode dispensar a sua articulação com a prática. No entanto, mantêm da filosofia a dimensão metadisciplinar que a caracteriza desde as suas origens e que só foi esbatida quando o impulso do pensamento espantado, crítico, curioso e inquieto cedeu ao primado do conhecimento disciplinado, ameahável e útil.

Dito de outra maneira, quando, na modernidade, se começou a dar uma suposta emancipação das ciências relativamente à filosofia, quando esta foi condenada a tornar-se residual e, finalmente, quando passou, num gesto contranatura, a figurar como uma disciplina entre outras no arranjo disciplinar do conhecimento.

No entanto, hoje vivemos numa época em que, por várias razões — que vão da globalização e das questões ecológicas, à penetração do digital na cultura e nas práticas culturais —, a tendência é assinalar as limitações do conhecimento disciplinar (sem, com isso, lhe retirar as suas virtudes e poderes) e clamar por multidisciplinaridade, interdisciplinaridade e transdisciplinaridade.

Isso mesmo acontece com os Estudos Culturais que, nas palavras da maior parte das pessoas que a eles se dedicam, são desde logo classificados como interdisciplinares.

Mas, como disse — em função da estreita ligação que considero terem com o filosofar depois da Filosofia com letra maiúscula — prefiro utilizar a palavra metadisciplinar, pois esta palavra põe em primeiro lugar o despertar da atividade do pensamento e só depois valoriza a dimensão disciplinar do conhecimento, ou seja, parte da emergência estratégica de assuntos em questão, que tematiza na sua problematicidade, antes do primado conferido a metodologias pré-estabelecidas e a procedimentos característicos das delimitações disciplinares.

Perspetivas sob a dimensão extradisciplinar dos Estudos Culturais

Numa passagem de uma entrevista a Stuart Hall, as palavras de David Scott vão ao encontro da ideia de que, para o pensador jamaicano, se verifica a presença de uma crítica à tradição filosófica do pensamento como metafísica e uma abertura a uma forma de pensar mais consonante com a tradição retórica, aliás sempre recalcada e excomungada pela filosofia arvorada em produzir o discurso da Verdade ou discurso do Mestre.

Com efeito, são traços da retórica duas focalizações decisivas: por um lado, a ideia de pensamento em situação e de comunicação contextual; por outro, a dimensão da oportunidade justa, que liga o pensamento ao seu valor estratégico e aos seus efeitos práticos e contingenciais⁸. Com isto em mente, vejamos então as palavras de David Scott sobre Stuart Hall:

Para mim, um dos aspetos mais instrutivos do pensamento cultural-político de Hall é a centralidade do conceito de estratégia. Hall é eminentemente um intelectual estratégico. Porque ele abandonou a preocupação epistemológica com Primeiros Princípios, com a busca por um Fundamento Filosófico Final do Verdadeiro Conhecimento, a sua abordagem às questões políticas depende crucialmente de conceitos como “contingência” e “conjuntura”. Isso significa que depende da leitura, em qualquer momento histórico dado, do jogo das forças sociais e hegemonias discursivas, e de identificar o movimento que produzirá uma mudança na configuração cognitivo-política. (Hall, 2019, p. 235)⁹.

Voltando à questão da dimensão metadisciplinar da filosofia que, na minha perspetiva, insufla os Estudos Culturais, vale a pena recordar que Gilles Granger (1986, p. 113) afirmava de uma forma decidida que “[...] a filosofia é, por excelência, metadisciplina”. Ela não possuiu objetos de estudo predefinidos. E, acrescenta Granger (1986, p. 113):

assim, por mais que se queira reter um significado algo preciso para esta palavra, a filosofia é um conhecimento sem objetos. É, por excelência, a metadisciplina, cujo tema é o conjunto, constantemente renovado, mas também preservado na memória dos homens, das obras onde organizam a sua experiência através de todo o tipo de signos.

Dito talvez de uma forma mais clara, o pensamento metadisciplinar não parte do método para a construção do conhecimento no quadro de um paradigma disciplinar, mas sim da deteção e da

⁸ Lembre-se aliás a definição aristotélica de retórica como “a capacidade de descobrir o que é adequado a cada caso com o fim de persuadir” (1998: 1355b). Salientou ainda, pondo a tónica na selectividade dos recursos, mais tarde designada por inventio, que “é também evidente que ela [a retórica] é útil e que a sua função não é persuadir, mas discernir os meios de persuasão mais pertinentes para cada caso” (*ibidem*).

⁹ “To my mind, one of the most instructive aspects of Hall’s cultural-political thought is the centrality to it of a concept of strategy. Hall is preeminently a strategic intellectual. Because he has given up the epistemological preoccupation with First Principles, with the search for a Final Philosophical Ground of True Knowledge, his approach to political questions depends crucially on such concepts as “contingency” and “conjuncture.” That is to say, it depends on reading, at any given historical moment, the play of social forces and discursive hegemonies, and on identifying the move that will produce a shift in the cognitive-political configuration.”

formulação de problemas e problemáticas, ensaiando encontrar os melhores caminhos e metodologias para lhes dar uma resposta, que é também sempre uma proposta.

E enfatizo esta ideia de “uma resposta que é também sempre uma proposta” porque a tematização dos assuntos em questão, levada a cabo pelos Estudos Culturais, tem sempre uma incontornável, e assumida, dimensão propositiva político-argumentativa.

Com efeito, a articulação entre o cultural e o político está no coração dos Estudos Culturais, tal como já estava — insisto nas afinidades — numa das matrizes do pensamento ocidental, ou seja, na filosofia metafísica de Platão, ilustrada aliás com a conhecida figura do rei-filósofo que aparece na obra *A República*.

Julgo que uma das consequências do carácter metadisciplinar dos Estudos Culturais é a de que eles não elaboram os seus estudos e ensaios em termos da tradicional dicotomia entre sujeito e objeto. Repito: lidam com assuntos em questão que tematizam, organizam, estudam e relativamente aos quais tomam posições argumentadas.

Estudar e investigar, pensamento e conhecimento

Aliás, a favor da ideia de “estudo”, que está presente na designação “Estudos Culturais“, queria convocar um excerto de Giorgio Agamben onde, a propósito da condição de estudante, este pensador procura assinalar a superioridade do estudo relativamente à investigação:

Ao contrário do termo “investigação” [ricerca], que remete para um girar em círculo sem que se tenha encontrado ainda o próprio objecto (circare), o estudo, que significa etimologicamente o grau extremo de um desejo (studium), encontrou já e sempre o seu objecto. Nas ciências humanas, a investigação é apenas uma fase temporária do estudo, que cessa uma vez identificado o seu objecto. O estudo é, pelo contrário, uma condição permanente. Aliás, pode-se definir o estudo como o ponto em que um desejo de conhecimento atinge a sua máxima intensidade e se torna uma forma de vida: a vida do estudante – ou melhor, do estudioso. Por isso – ao contrário do que está implícito na terminologia académica, onde o estudante se situa um grau abaixo do investigador – o estudo é um paradigma cognitivo hierarquicamente superior à investigação, no sentido em que esta não pode atingir o seu objectivo se não for animada por um desejo, que uma vez atingido só pode conviver estudiosamente com este, transformar-se em estudo.

Com este excerto enfatizo novamente a afinidade entre o filosofar e os Estudos Culturais que, mais do que partirem de paradigmas de investigação vigentes, procuram formular e identificar a problematidade dos problemas a partir de preocupações de vida, da forma como os poderes e a dimensão política se repercute na moldagem de modos de viver e da tensionalidade de forças múltiplas que atravessam a dimensão cultural que sempre nos trespassa.

Nessa mesma linha, Edgar Morin afirma que:

a filosofia não é uma disciplina, mas uma força de interrogação e de reflexão dirigida não apenas aos conhecimentos e à condição humana, mas também aos grandes

problemas da vida. Nesse sentido, o filósofo deveria estimular, em tudo, a aptidão crítica e autocrítica, insubstituíveis fermentos da lucidez, e exortar à compreensão humana, tarefa fundamental da cultura. (Morin, 2003, p. 54).

Assinale-se, também, que a perspectiva dos Estudos Culturais relativamente à teoria não se reveste de uma ambição totalizadora, antes opta por uma organização pensante em termos de complexidade. Eles nutrem-se da abertura à variedade de linhas compreensivas e explicativas a que é preciso recorrer para densificar as problemáticas, evitando acantonamentos epistemológicos, simplificações mutilantes e compartimentações que não permitem lidar com as dinâmicas e com os interstícios do poder e com a dimensão cultural dos fenómenos.

Assim, afirma Lawrence Grossberg (2015, p. 15) “os estudos culturais não transformam contextos em objetos novos, fixos e estáveis, mas os tratam como construções sempre abertas, mutáveis e porosas, estratégicas e temporárias”.

Da mesma forma, Stuart Hall afirmou que “os estudos culturais não configuram uma ‘disciplina’, mas uma área onde diferentes disciplinas interatuam, visando o estudo de aspetos culturais da sociedade. O complexo particular de disciplinas envolvidas, e os tipos de abordagens adotadas, diferem naturalmente de lugar para lugar”. (Hall et al., 2005, p. Vi. *Itálico meu*).

A resistência do político ao quantitativo

E, no que diz respeito ao poder e ao político, é bom lembrar — nesta época de quantificação da vida pela via digital — que nem mesmo a operação de quantificar é algo que lhe escape. Com efeito, como nota Vinck (2017, pp. 45-46) a propósito de categorizações que estabelecem equivalências, e que são anteriores à quantificação dos fenómenos, o

(...) trabalho prévio à contagem é eminentemente qualitativo e, neste caso, a quantificação pressupõe um ato político. Portanto, não é surpreendente ver que a quantificação tem sido frequentemente objeto de controvérsia. Isto deve-se ao facto de a construção de convenções de equivalência envolver geralmente negociações e compromissos¹⁰.

Refira-se também que as abordagens interseccionais e a centralidade que o conceito de articulação tem em alguns teóricos dos Estudos Culturais apontam justamente para uma viragem do epistemológico para o epistémico, entendendo este último como uma reflexão sobre a produção do conhecimento enquanto fenómeno que tem uma dimensão social e política. Porque a política vive nos interstícios da vida, das pequenas coisas e da sociabilidade cidadã.

¹⁰ “Ce travail préalable au comptage est éminemment qualitatif et, dans le cas présent, la quantification suppose un acte politique. Il n’est alors pas surprenant de voir que la quantification a souvent fait l’objet de controverses. Celles-ci tiennent au fait que la construction de conventions d’équivalences engage généralement des négociations et des compromis. (...) La traduction de quelque chose en nombres ne va jamais de soi ; dans tous les cas, elle revient à négliger quelque chose de l’objet, de la personne ou du phénomène ainsi quantifié. Il convient alors de se souvenir de ce qui est perdu au cours du processus de quantification.”

Espero que, com isto, tenha conseguido explicitar porque é que julgo que os Estudos Culturais têm uma dimensão metadisciplinar que vem da incorporação da dimensão filosófica que neles está presente. Nesse sentido, podemos dizer, como Russell dizia da filosofia, que os Estudos Culturais são uma terra sem dono, um terreno fértil para o pensamento crítico. Ou que, como enfatiza Chris Barker (2004, p. XIV) “os estudos culturais não são uma coisa que possa ser representada com precisão, antes são constituídos por uma quantidade de formas de olhar para o mundo motivadas por diferentes valores e propósitos”.

Ora, é para este filosofar trazido ao mundo, para um pensamento que articula sempre a teoria e a prática e que reconhece as exigências que a prática exerce sobre o pensamento, é para este filosofar não disciplinar e emergente de uma organicidade inerente à vida e que atravessa a esfera pública, que parece apontar a perspectiva de Stuart Hall (2019, pp. 261-262), — que aqui cito para finalizar — quando fala de

(...) uma oportunidade para um tipo muito mais amplo de intercâmbio e diálogo sem fronteiras consiste em reconstituir uma esfera pública (...) Penso numa esfera pública muito diferente, que seja menos baseada numa concepção tradicional das disciplinas, das profissões e das instituições; que seja mais aberta a uma espécie de noção porosa da sociedade civil, mais aberta à função intelectual orgânica; que corresponda ao tipo de chamamento de Lloyd Best para um pensamento não disciplinar, extradisciplinar. Muitas dessas coisas contribuem para constituir um novo espaço de diálogo no qual, é claro, as pessoas se envolveriam em discussões umas com as outras até se cansarem¹¹.

Em suma, julgo que a afinidade entre filosofar e Estudos Culturais é não só uma forma de resistir a uma ideia de conhecimento cada vez mais apartada do pensamento crítico, como, também uma forma de manter acesa a resistência de um humano pautado pelas potências problematizadoras face às forças que as aspiram a subjugar e a dominar hegemonicamente.

Bibliografia

Agamben, G. (2017) Estudantes. Punkto. revistapunkto.com/2017/05/estudantes-giorgio-agamben_17.html

Aristóteles (1998). Retórica. Imprensa Nacional-Casa da Moeda.

Barker, C. (2004). The SAGE Dictionary of Cultural Studies. SAGE Publications.

Berry, D. (2014). Critical theory and the digital. Bloomsbury Academic.

¹¹ “...an opportunity for a much wider kind of frontierless exchange and dialogue is to reconstitute a public sphere, which was, after all, insofar as it existed, the product of a very specific set of historical and political circumstances. And was very narrow. And I think that a very different public sphere which is less grounded in a traditional conception of the disciplines and the professions and the institutions; which is more open to a kind of porous notion of civil society, more open to the organic intellectual function; which is responsive to a kind of Lloyd Best call for nondisciplinary, extradisciplinary thinking. A lot of those things are to constitute a new space of dialogue in which, of course, people would harangue one another till the cows come home”.

Domingos, P. (2017). A revolução do Algoritmo Mestre. Manuscrito.

Granger, G. G. (1986). ¿Qué es una Metadisciplina?. *Diánoia*, 32 (32) 103-117. Acessível em <https://dianoia.filosoficas.unam.mx/index.php/dianoia/article/view/712/717>

Grácio, R. A. (2023). Um ensaio sobre os Estudos Culturais. Grácio Editor.

Grossberg, L. (2015). Lutando com anjos: os estudos culturais em tempos sombrios. *MATRIZES*, 9(2), 13-46. <https://doi.org/10.11606/issn.19828160.v9i2p13-46>

Hall, S.; Hobson, D.; Lowe, A. e Willis, P. (Ed.) (2005/1980). *Culture, Media, Language. Working Papers in Cultural Studies, 1972-79*. Routledge / Centre for Contemporary Cultural Studies University of Birmingham.

Hall, S. (2019). *Essential essays. Identity and diaspora*. Duke University Press.

Morin, E. (2003). *A cabeça bem-feita: repensar a reforma, reformar o pensamento*. Bertrand Brasil.

Vinck, D. (2016). *Humanités Numériques. La culture face aux nouvelles technologies*. Le Chevalier Bleu Éditions.